

Dom Luís: um grande pedagogo

Marlene Cararo Pires – Educadora Popular e Professora do Centro de Educação da Ufes

A massificação característica da sociedade atual, aliada à exclusão de imensos contingentes da população em nosso Continente, atesta a relevância do debate da educação popular ou educação para a cidadania.

Como promover um processo educativo que, a partir da duríssima condição de vida das classes empobrecidas e excluídas, a partir de sua cultura, possa construir a cidadania ativa e estimular o processo de formação de sujeitos coletivos, o chamado protagonismo popular?

Como superar histórica e estruturalmente a prática elitista, populista, autoritária com que as principais instituições da nossa sociedade costumam lidar com as classes populares? Como buscar uma prática educativa que crie consciência política, que gere mecanismos realmente democráticos e construtores de sujeitos, enfim, que criem poder popular?

Essas questões representam um enorme desafio para uma das instituições mais presentes e atuantes no Brasil, a Igreja Católica, que nasceu junto com o estado colonialista português e caminhou, até pouco tempo atrás, atrelada ao poder político opressor e clientelista.

Em Vitória, no período de 1966 a 1981, a igreja católica teve o privilégio de ter como bispo auxiliar Dom Luís Gonzaga Fernandes, profundo conhecedor da estrutura da igreja e corajoso profeta da esperança e da crença radical na possibilidade da emancipação do povo de Deus – e que tem como correspondente sociológico o povo pobre, as classes populares, os oprimidos e esfarrapados do mundo, como dia Paulo Freire.

Dom Luís pautou sua ação na construção histórica das camadas populares como sujeitos coletivos, como cidadãos ativos, como protagonistas de uma sociedade democrática, participativa e, sobretudo, mas justa, fraterna e igualitária.

Sua concepção teológica era a de que Deus caminha e se compromete com seu povo na busca da libertação, que se revela em Jesus Cristo – nascido pobre e solidário com as lutas e sofrimentos dos pobres e morto na cruz pelo poder político e religioso de sua época.

Dom Luís foi um dos mais ativos fundadores das comunidades eclesiais de base (CEB's) – experiência de processo educativo em que o cristão comum que freqüentava as igrejas foi chamado a se apropriar, pelo estudo, pela prática e pela ação coletiva, de uma compreensão mais clara e mais libertadora das verdades fundamentais da fé, participando da coordenação e da gestão da comunidade no seu cotidiano.

A partir de uma concepção sociológica de comunidades de base entendidas como comunidades de camadas empobrecidas, populares, que estão na base da pirâmide social injusta e desigual, construiu-se toda uma metodologia e um projeto pedagógico de inserção destes segmentos na cidadania ativa.

Esse projeto pedagógico começou a tomar forma, apoiado numa estrutura da educação popular, que começa a brotar no seio da organização de grupos da sociedade civil. E, é justamente no movimento eclesial, com o surgimento das pequenas comunidades eclesiais, principalmente, no interior de nosso Estado, que essa metodologia inovadora, começa a dar vez e voz aos cidadãos do campo e da periferia.

As CEB's surgiram, segundo Dom Luís *“do trabalho de renovação do Concílio Vaticano II”*, quando a igreja se volta para buscar a participação dos mais pobres. Com a força e a dedicação diária de um grupo de agentes de pastoral, a arquidiocese semeia e aduba o nascimento e o desabrochar dessas pequenas comunidades, incentivadas pelos bispos, Dom João e dom Luís, que aqui pastoreavam.

Vale ressaltar o comportamento pedagógico de Dom Luís, sempre na busca de aprender, mas dando lições de fé e de vida, que somente grandes mestres conseguem fazer. E, lembrando o que nosso DOM dia sobre as pequenas comunidades, como ele gostava de chamá-las:

“É um banho redentor para a Igreja, no mar das massas populares, como também, é o meio de o povo apossar da igreja. É o jeito da igreja se beneficiar, se enriquecer e crescer, graças ao ilimitado cabedal de forças, de valores, não só antropológicos e históricos, mas também, de fé, que estão na alma deste povo”.



www.dhnet.org.br